

ARTIGO ORIGINAL

A PUBLICIDADE NO COMBATE AO SUICÍDIO NO ESPÍRITO SANTO

ORIGINAL ARTICLE

ADVERTISING IN THE FIGHT AGAINST SUICIDE IN ESPÍRITO SANTO

Thalysson Bitencourt Pacífico Firmo¹
Faculdade Estácio de Vitória – FESV, Brasil

José Carlos Corrêa²
Faculdade Estácio de Vitória – FESV, Brasil

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo pesquisar como a comunicação, em especial a publicidade, pode ser utilizada no combate ao suicídio no Estado do Espírito Santo. Como procedimento metodológico, foi realizada uma pesquisa exploratória, utilizando como técnica de investigação as pesquisas bibliográficas e de campo. Como instrumentos de coleta de dados foram aplicados dois roteiros de entrevistas, um deles a quatro especialistas e o outro a duas pessoas que passaram por problemas que as levaram a tentativas de suicídio. A pesquisa sugere, como conclusão, a realização de campanhas educativas que utilizem a abordagem adequada recomendada pelos especialistas – cuja linguagem não deve ser impositiva ou invasiva – com o propósito de contribuir para a prevenção e redução dos casos de suicídio.

Palavras-Chave: Comunicação; Suicídio; Prevenção.

ABSTRACT

This article aims to research how communication, especially advertising, can be used to combat suicide in the state of Espírito Santo. As a methodological procedure, an exploratory research was carried out, using as research technique the bibliographic and field research. As instruments of data collection, two interview scripts were applied, one of them with four specialists and the other with two people who have experienced problems that led them to suicide attempts. The research suggests, as a conclusion, the development of educational campaigns that use the appropriate approach recommended by the specialists - whose language should not be imposing or invasive - with the purpose of contributing to the prevention and reduction of suicide cases.

Key words: Communication; Suicide; Prevention.

1 INTRODUÇÃO

A ocorrência do suicídio – o ato de alguém causar a sua própria morte – tem aumentado no Brasil, e também no Estado do Espírito Santo, fato que evidencia a

¹ Graduado do curso de Publicidade e Propaganda pela FESV. E-mail: thalysson.bitencourt@hotmail.com

² Mestre em Ciências Contábeis e Administração Estratégica; pós-graduado em Estudos Avançados de Comunicação; jornalista profissional, engenheiro civil e professor universitário. E-mail: jccorreavix@gmail.com

gravidade da questão e sinaliza a importância de o tema ser tratado com mais frequência na sociedade. “Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) mostram que as taxas de suicídio foram 7% maiores no Brasil em 2016, último ano da pesquisa, do que em 2010” (FIGUEIREDO, 2019, p. 1).

Evitar o tema não contribui para mudar essa realidade. Discutir o assunto pode abrir caminho para a redução dos casos de suicídio, como postula a Associação Brasileira de Familiares, Amigos e Portadores de Transtornos Afetivos (ABRATA³): “Falar sobre suicídio ainda é um tabu; mas, por mais doloroso que seja, falar sobre o tema é o único caminho para salvar vidas” (REVISTA CIDADE NOVA, 2017, apud ABRATA, 2017, p. 1).

Como afirma Robert Paris, presidente do Centro de Valorização da Vida (CVV), “90% dos suicídios são evitáveis; temos um problema de saúde pública e podemos nos prevenir quanto a ele”. Karen Scavacini, psicóloga do Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção ao Suicídio, completa: “Quanto mais falarmos sobre o assunto, mais pessoas conseguiremos ajudar” (GALILEU, 2017, p. 1).

Segundo a OMS, um suicídio ocorre a cada 40 segundos no mundo. A estimativa é de que 800 mil pessoas tiram a própria vida todos os anos. O suicídio é a segunda maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos de idade, atrás apenas dos acidentes de carro, como informa a Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) em parceria com a OMS (OPAS, 2018).

No Brasil, de acordo com o Ministério da Saúde, 11 mil pessoas cometem suicídio todos os anos. Isso representa 31 casos por dia, 5,8 casos a cada 100 mil habitantes, ressalta a Folha de São Paulo em uma matéria publicada pela UOL (2018). No Estado do Espírito Santo, em 2018 foram 233 os casos de suicídio. Ou seja, a cada dois dias, um capixaba tira a própria vida. Este é o maior índice nos últimos 23 anos, segundo o Painel de Monitoramento da Mortalidade do Datasus - Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (UNIVERSO UFES, 2019).

³ Entidade que tem como objetivos, entre outros, o de educar os portadores, familiares, profissionais de saúde mental e a sociedade sobre a natureza e tratamento dos transtornos afetivos, buscando reduzir o estigma e a discriminação da doença perante a coletividade.

De acordo com os dados da Concessionária Rodovia do Sol (RODOSOL⁴), 41% dos suicídios no Espírito Santo, em 2018, ocorreram na Grande Vitória⁵. Na Ponte Deputado Darcy Castello de Mendonça, mais conhecida como “Terceira Ponte”, que liga Vitória a Vila Velha, foram registradas 71 tentativas de suicídio em 2018; sete terminaram em suicídio; de 2015 a 2018, houve um aumento de 44% na quantidade de pessoas que tentaram suicídio no local (UNIVERSO UFES, 2019).

A “Terceira Ponte” é considerada um fator “facilitador” do suicídio, como ocorria com a ponte Mapo, em Seoul, Coreia do Sul que, em cinco anos, foi local de 108 suicídios. Na ponte de Seoul, as ocorrências de suicídio foram reduzidas em 85% após uma campanha feita pela Samsung, em 2013. A campanha – baseada na implantação de luzes com sensores que acendiam com mensagens inspiradoras criadas em parceria com psicólogos e ativistas da prevenção ao suicídio⁶ – foi premiada no Festival de Cannes de 2013 ao transformar a Mapo em “Ponte da Vida” (MEDINA, 2013, p. 1).

De acordo com Tiago Zortea, PhD em suicidologia, a restrição aos meios – locais onde as tentativas de suicídio ocorrem – “é uma prática preventiva altamente eficaz, porém todos os suicídios e tentativas de suicídio devem ser evitados, e não apenas aqueles que ocorrem com mais frequência em um determinado local” (UNIVERSO UFES, 2019, p. 1). Essa opinião vai ao encontro do que diz o sociólogo, antropólogo, cientista político, psicólogo social e filósofo francês Emile Durkheim (1858-1917), para quem o suicídio não é um fenômeno individual e sim social, decorrente de uma crise moral, como citado pelo professor de sociologia Marco Aurélio, em uma aula pelo canal “Evolucional” (2015) na internet.

Há diversas maneiras de uma pessoa cometer o suicídio. São também múltiplas as causas que levam alguém a tentar suicidar-se. Quase sempre o motivo que leva alguém a tentar o suicídio não é um só. São também muitos os locais nos quais as tentativas de suicídio ocorrem. Sendo o suicídio um assunto tão complexo,

⁴ RodoSol é a concessionária do Sistema Rodovia do Sol (ES-060) que, no Estado do Espírito Santo, liga Vitória, no km 0, a Guarapari, no km 67,5.

⁵ Região Metropolitana formada pelos municípios de Vitória, Vila Velha, Serra, Cariacica, Viana, Fundão e Guarapari.

⁶ Entre as mensagens estavam: “Vá ver as pessoas de quem você sente saudade”, “Os melhores momentos da sua vida ainda estão por vir”, “Como você gostaria de ser lembrado?”

a utilização da comunicação pode ser considerada como um caminho a ser percorrido para disseminar informações que possam contribuir para inibir a sua ocorrência.

Se a sociedade for capaz de reconhecer os sinais de tristeza das pessoas e não subestimar a dor alheia, e diferenciar mitos e verdades considerando a orientação de especialistas, é possível que muitas ocorrências de suicídio sejam evitadas. É na difusão dessas orientações que a comunicação pode atuar.

Segundo a página Universo UFES (2019), 57% dos suicídios têm a forma doméstica, ou seja, acontecem dentro das próprias casas das pessoas. Esse fato reforça a percepção de que, se a sociedade for bem informada sobre as possibilidades de prevenção – como o apoio do CVV, o Centro de Valorização da Vida⁷ –, são significativas as possibilidades de que inúmeros casos sejam evitados.

A atenção com relação ao investimento na prevenção ao suicídio no Estado do Espírito Santo, entretanto, tem sido direcionada prioritariamente para apenas um local (a “Terceira Ponte”), com alternativas de solução que implicariam em custos altos (entre R\$ 7,8 milhões e R\$ 27 milhões, valores de 2018) e eficácia duvidosa (CBN VITÓRIA, 2018). A hipótese que justifica a presente pesquisa é a de que a prevenção ao suicídio poderia ser mais eficaz com investimentos em comunicação, particularmente em publicidade.

O problema de pesquisa abordado no presente trabalho é: de que maneira a comunicação, em especial a publicidade, pode ajudar no combate ao suicídio no Estado do Espírito Santo? O objetivo geral é pesquisar como a comunicação, em especial a publicidade, pode ser utilizada no combate ao suicídio no Estado do Espírito Santo. E os objetivos específicos são: (a) discutir conceitos de comunicação e suicídio; (b) debater os processos de convergência de mídias, especialmente na publicidade; e (c) estudar a utilização da publicidade em causas sociais.

Com relação ao procedimento metodológico, foi realizada uma pesquisa exploratória, utilizando como técnica de investigação as pesquisas bibliográficas e

⁷ Instituição sem fins lucrativos, fundada em São Paulo em 1962, que oferece apoio emocional e prevenção do suicídio, atendendo voluntária e gratuitamente as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo, em todo o Brasil, pelo telefone 188, e-mail e chat 24 horas por dia.

de campo. Na coleta de dados foram realizadas entrevistas com quatro especialistas e duas pessoas que tentaram cometer suicídio.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O SUICÍDIO COMO CONSEQUÊNCIA DE UMA SOCIEDADE IMEDIATISTA E INDIVIDUALIDADE SOCIAL

O ser humano não pode parar, não pode adoecer, não pode deixar de produzir e, além disso, precisa produzir com rapidez, muitas vezes deixando de respeitar os limites do próprio corpo (MORAIS, 2017). “A contemporaneidade está marcada pelo imediatismo e fluidez em sua organização” (BAUMAN, 2001, p. 66).

Como afirma Morais (2017, p. 1), o sistema vigente influencia significativamente para que essa produção seja alienante e adoecedora porque, quanto mais se trabalha, mais bens o indivíduo desejará ter:

Ao dispor tempo e energia numa sociedade que valoriza o ‘ter’ mais que o ‘ser’, o sujeito se vê isolado numa trajetória em que os relacionamentos são cada vez mais descartáveis e menos duradouros. A solidão assombra o território social, trazendo consigo um vento sorrateiro de suicídios cada vez mais intensos, que segundo Durkheim (1958-1917) seria a expressão individual de um fenômeno coletivo, sustentado por um conjunto de fatores sociais.

“Não poderíamos [...] tratar da mesma maneira a morte do alucinado que se joga de uma janela alta por acreditar que ela se encontra no mesmo nível do chão e a do homem, são de espírito, que se atinge sabendo o que está fazendo” (DURKHEIM, 2000, p. 12). Nessa citação, Durkheim alerta que as pessoas são diferentes umas das outras, com mentes e atitudes que não são um padrão. E também que não se pode tratar o suicídio de uma forma englobada e sim de uma forma individual. Isso sinaliza que, no combate ao suicídio, se faz necessário utilizar uma comunicação bem elaborada que atinja o interior das pessoas e alcance mentes diversas.

Em um documentário exibido pela página Café Filosófico CPFL, tendo como nome, “Estratégias para a vida”, Bauman (2011), seis anos antes de sua morte, diz que:

Quando era jovem, há algum tempo atrás, se fazia necessário criar o seu projeto de vida e que hoje em dia, se você contar isso para um jovem, ele irá rir de você. Nós temos grandes dificuldades sobre aquilo que irá acontecer conosco no ano que vem. A vida é dividida em episódios. Temos que selecionar um projeto de vida e seguir passo a passo de uma forma consistente, ano após ano. Chegando cada vez mais próximo desse ideal, estamos em uma posição na sociedade em que todos dependem um dos outros.

A quantidade significativa de casos de suicídio dialoga com o sociólogo Bauman para quem, como as pessoas não têm um plano de vida, elas não sabem, com exatidão, aquilo que querem ou o que buscam. A todo o momento, as pessoas pensam em um curso novo, um empreendimento novo, um novo trabalho, um novo bem ou um novo relacionamento amoroso, nunca estando satisfeitas com o que têm. As pessoas permanecem em um emaranhado de trocas constantes, estimuladas pela era digital, que contribui para um bem comum, mas também traz consigo vários efeitos colaterais. Um desses efeitos é a síndrome do pensamento acelerado, que vem sendo considerada como 'a doença do século' pelo alto índice de casos que evoluem para a depressão e, logo após, o suicídio⁸.

Por ser essa uma nova era, a sociedade precisa ser informada e alertada sobre essas questões, em especial as pessoas que estão nas faixas etárias em que mais se concentram as ocorrências de suicídio. Os casos de suicídio entre os jovens só são menores que as mortes causadas por acidentes automobilísticos, segundo uma matéria publicada na internet pela Veja (2019).

De acordo com Durkheim (2000, p. 14),

A taxa de suicídios constitui, portanto, uma ordem de fatos única e determinada; é o que demonstram, ao mesmo tempo, sua permanência e sua variabilidade. Já que esta permanência seria inexplicável se ela não se devesse a um conjunto de caracteres distintivos, solidários uns com os outros, que, apesar da diversidade das circunstâncias ambientes, se afirmam simultaneamente; e esta variabilidade testemunha a natureza individual e concreta destes mesmos caracteres, uma vez que variam como a própria individualidade social.

Sobre a individualidade social, é importante ressaltar que ninguém se mata por um único motivo. As pessoas não são iguais, não pensam da mesma forma, não sofrem os mesmos problemas, não estão rodeadas pelas mesmas pessoas e

⁸ Conceito exibido no curso "Combatendo a ansiedade" do psiquiatra, professor e escritor Augusto Cury, realizado em 2020 pelo Instituto Augusto Cury e a Academia da Polícia Federal através da plataforma ANP Cidadã (<https://ead.dpf.gov.br/anpcidada/login/signup.php>), assistido por um dos autores desse artigo em maio de 2020.

também não possuem a mesma característica na hora de se cometer o suicídio. É por esses motivos que o tema é tão complexo. Afinal, como seria possível ajudar essas diversas mentes ao mesmo tempo?

2.2 A CONVERGÊNCIA DAS MÍDIAS E A ALDEIA GLOBAL

Segundo Jenkins (2009, p. 43), a convergência das mídias – a tendência de adaptação das mídias à internet – é mais do que uma mudança tecnológica:

A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. Lembrem-se disto: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final.

A convergência das mídias tem o propósito de fazer parte da vida das pessoas de uma forma positiva. “Entretenimento não é a única coisa que flui pelas múltiplas plataformas de mídia. Nossa vida, nossos relacionamentos, memórias, fantasias e desejos também fluem pelos canais de mídia” (JENKINS, 2009, p. 44).

Como a vida flui pelas plataformas de mídia, como afirma Jenkins (2009), as mídias, potencializadas pela convergência, devem ser utilizadas nas estratégias de comunicação em favor de causas de interesse da sociedade como, por exemplo, o combate ao suicídio. É nas mídias que as pessoas estão cada vez mais aptas a partilhar o seu cotidiano. Esse hábito, muitas vezes, não é saudável, pois sempre há quem fique observando o que o outro está fazendo, e isso pode levar a comparações equivocadas. As pessoas podem ser induzidas a desejar padrões de vida inalcançáveis para o seu poder aquisitivo. Isso pode levar a frustrações, podendo chegar à depressão e ao ato de querer ceifar a própria vida.

A convergência está ocorrendo dentro dos mesmos aparelhos, dentro das mesmas franquias, dentro das mesmas empresas, dentro do cérebro do consumidor e dentro dos mesmos grupos de fãs. A convergência envolve uma transformação tanto na forma de produzir quanto na forma de consumir os meios de comunicação (JENKINS, 2009, p. 44).

As pessoas precisam ficar atentas à forma de consumir o conteúdo das mídias. É como se a convergência de mídias fosse uma droga lícita. Se as pessoas não souberem consumi-la, o resultado poderá ser trágico.

McLuhan (1962, p. 36), há quase meio século, já previa o impacto do que ele chamou de ciberespaço na vida das pessoas: “A nova interdependência eletrônica recria o mundo à imagem de uma vila global”. Nessa citação, Marshall McLuhan faz referência à aldeia global da qual as pessoas fazem parte, aonde elas não conseguem mais se desconectar do mundo digital. Nesse novo mundo, todo um emaranhado de informações globais e aceleradas, segundo após segundo, faz parte do corpo das pessoas. Se desligar desse mundo digital seria como se fosse uma automutilação. Vem dessa constatação a explicação do por que é tão complicado sair do ciberespaço.

Todos os meios nos trabalham completamente. Eles são tão difundidos em suas conseqüências pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais que não deixam nenhuma parte de nós intocada, afetada, inalterada. O meio é a mensagem. Qualquer compreensão das mudanças sociais e culturais é impossível sem o conhecimento de como a mídia funciona como ambientes. Todos os meios de comunicação são extensões de alguma faculdade humana - psíquica ou física (MCLUHAN, 1969, p. 26).

Como disse McLuhan (1967), nenhuma parte das pessoas fica intocada. As pessoas são impactadas o tempo inteiro por uma bomba silenciosa, mas letal, pois todo esse complexo informacional, ao qual as pessoas estão expostas, pode trazer graves conseqüências se elas não estiverem preparadas para usufruir do mundo digital sem que os efeitos colaterais possam prejudicá-las.

2.3 A PUBLICIDADE E AS CAUSAS SOCIAIS

Kotler (1998, p. 587), ao definir publicidade como “qualquer forma, não pessoal, de apresentação ou promoção de ideias, bens ou serviços”, aponta, segundo Gonçalves (s/d., p. 1), “dois caminhos para esta técnica de comunicação persuasiva: a publicidade comercial (promoção de bens e serviços)”, inserida em uma estratégia de marketing, e a publicidade como “elemento chave na comunicação de causas e valores sociais, a serviço do interesse público, a publicidade social ou comunitária (promoção de ideias)”.

Pinazo (2003, apud BALONAS, 2013, p. 37) esclarece que “uma das grandes diferenças entre a comunicação comercial e social é o objeto da mensagem”, sendo

que a “comunicação dirigida a comunidades humanas propõe valores sociais”. O sucesso das campanhas de causas sociais, segundo o mesmo autor, depende do grau “de implicação que esse tema tem na vida dos cidadãos” porque “causas mais próximas têm maior probabilidade de adesão do que outras que ocorrem em lugares mais longínquos ou em realidades culturalmente muito diferentes”. Por isso, tornar as causas próximas e relevantes é um desafio mais complexo para “que a atitude e as condutas favoráveis aos valores comunicados não sejam esquecidas”.

Balonas (2013, p. 12) utiliza a expressão “publicidade a causas sociais” para se referir “à informação e sensibilização para problemas que afetam os cidadãos e a sociedade em geral, desde as questões ambientais [...] às questões sociais”. Esse tipo de publicidade tem o propósito de contribuir para “uma melhor qualidade de vida em sociedade e para o exercício da cidadania”. A autora considera que é preciso distinguir dois conceitos: o marketing de causas sociais e o marketing social sendo o marketing de causas sociais aquele que tem como objeto a causa social (como um fim em si mesmo), enquanto que o marketing social reverte, em última análise, a favor das marcas (um meio para alcançar um fim empresarial ou comercial).

A comunicação com fins sociais deverá ser capaz de “promover alterações atitudinais persistentes, estáveis e duradouras”, como lembra Pinazo (2003, apud BALONAS, 2013, p. 38). Por outro lado, como aponta Ruiz (2003, apud BALONAS, 2013, p. 38), as campanhas de publicidade social – sobretudo em comparação com as campanhas comerciais – tendem a operar de forma muito lenta: tarda mais a compreender a sua influência, mas, “quando a emissão de conteúdos publicitários cessa, a alteração induzida e as consequências observáveis são mais persistentes no tempo”.

Como explica Andreasen (1995, apud BALONAS, 2013, p. 73-74), o marketing social “centra-se, essencialmente, no comportamento humano, procurando mudar, reforçar ou encorajá-lo”, inspirando-se nos processos criados para o marketing comercial. Segundo Andreasen (2000, apud BALONAS, 2013, p. 74), há a aplicação das tecnologias do marketing comercial em “programas concebidos para influenciar o comportamento voluntário de audiências para melhorar o seu bem-estar e o das sociedades onde se inserem”.

3 PESQUISA DE CAMPO

Na pesquisa de campo realizada em outubro de 2020 foram coletadas respostas dadas nas entrevistas realizadas com quatro especialistas (um membro do CVV – Ricardo Abidala Keide, 43 anos, carioca, desde 2012 atuando no CVV no Espírito Santo –, um integrante do Corpo de Bombeiros da cidade de Vitória (ES) – Fábio Fabre Nepomoceno, 34 anos, na corporação desde 2011 –, uma psicóloga – Thalyse Santana de Silva, 30 anos, mestre em Educação e Saúde, que executa trabalho especializado na prevenção ao suicídio há dez anos –, e um assistente social – Thiago Neves, 36 anos, carioca, missionário em tempo integral, voluntário que atua há quatro anos com casos de tentativas de suicídio), e duas pessoas que já passaram pela experiência de tentar cometer suicídio.

3.1 AS ENTREVISTAS COM OS ESPECIALISTAS

Os especialistas entrevistados consideram que é possível a atuação na prevenção dos casos de suicídio já que a pessoa que tem tendências a se suicidar apresenta sinais de isolamento, depressão, comportamentos autodestrutivos e costuma falar sobre o assunto, como lembrou o voluntário do CVV, Ricardo Keide. “Qualquer pessoa que esteja disposta a observar o outro, em qualquer ambiente, é capaz de perceber esses sinais”, disse Keide. Fábio Nepomoceno, do Corpo de Bombeiros, completa: “Geralmente a pessoa que tenta tirar a própria vida se isola, conversa pouco e, durante os diálogos, demonstra tristeza profunda no falar”. Para ele, apenas as pessoas que convivem com mais frequência com o suicida “terão a chance” de perceber “algo anormal” no comportamento da pessoa.

O assistente social Thiago Neves acrescenta outros sinais emitidos pela pessoa com ideação suicida: tentativas de suicídio anteriores, histórico de transtornos mentais (principalmente depressão, bipolaridade, borderline – cujos sintomas mais comuns englobam instabilidade emocional, sensação de inutilidade, insegurança, impulsividade e relações sociais prejudicadas –, esquizofrenia, dentre outros), histórico de dependência química (álcool e cocaína principalmente), histórico de familiares e/ou pessoas muito próximas que cometeram suicídio.

3.1.1 A linguagem a ser utilizada

Sobre a linguagem a ser utilizada com a pessoa com tendência suicida, visando dissuadi-la desse propósito, o voluntário do CVV sugere “uma comunicação livre de julgamentos e que crie um ambiente seguro para a expressão dos sentimentos do outro” e que “mais importante do que saber o que dizer, é saber ouvir o que vai ser dito”. O bombeiro Nepomoceno aconselha “ser verdadeiro ao falar, nunca prometer algo que não pode cumprir e agir com a verdade”. O assistente social Neves diz que a linguagem deve ser “empática e acolhedora, sem julgamentos, e uma escuta ativa compreensiva, focando nos sentimentos relatados pela pessoa relata e não somente no problema”.

A psicóloga Silva é mais específica com relação à linguagem que deve ser utilizada com a pessoa que está precisando de ajuda: “A primazia é um humano diante de outro, ouvindo e falando simples e puramente como gente diante de gente (e não como um personagem salvador diante da vítima)”. A linguagem deve ser “prioritariamente ativa na escuta para acolher os sentidos e significados da pessoa em sofrimento sem presumir respostas prontas ou protocolos despersonalizados” com “empatia e congruência [...] no encorajamento à busca de ajuda especializada [...] sem ser impositiva ou invasiva violando o direito de outrem”. Ela sugere “a suspensão do julgamento e postura ativa de valorização da vida em sincronia com os valores da pessoa e não apenas dos próprios valores”. “Por fim”, completa a entrevistada, “a linguagem precisa ser simples e descomplicada, livre de excessivas explicações valorativas e mais focada na ajuda necessária”.

3.1.2 A depressão

Os especialistas entrevistados, em sua maioria, consideram que reconhecer a depressão como uma doença grave não é, necessariamente, um ponto de partida para o combate do suicídio porque, como explicou o voluntário do CVV, são “diversas as razões para o pensamento suicida e a depressão pode ser apenas uma delas”. Para ele, “não é necessário identificar que uma pessoa esteja em depressão para prestar apoio emocional”. O assistente social, por sua vez, considera ser

“importante se levar em consideração a depressão, pois transtornos mentais são um dos principais fatores de risco para o ato do suicídio”, já que “em 90% dos casos a pessoa que cometeu suicídio tinha diagnóstico de depressão”. Para ele, “a melhor forma de identificar os casos [de depressão] é a partir do diagnóstico médico psiquiátrico e/ou psicoterapêutico” com relação a “mudanças bruscas de humor, oscilação de emoções e sentimentos, introspecção, isolamento constante e extremo, entre outros comportamentos”.

A psicóloga Silva explicou que “a depressão, como diagnóstico, já é mundialmente reconhecida pela OMS como patologia incapacitante e digna de cuidado”. Ela acredita que “reforçar as posturas e dignidade do cuidado sejam mais efetivas no combate ao suicídio a que propriamente o convencimento da gravidade da depressão”.

O integrante do Corpo de Bombeiros, por outro lado, considera que o ponto de partida para combater o suicídio é reconhecer a depressão como uma doença grave: “Todo paciente depressivo deve ser tratado com medicamentos para reverter o mais rápido possível à doença”. Para ele, são sinais de depressão o cansaço constante, a indisposição, a sensação contínua de tristeza, as alterações no apetite e no sono, as dores pelo corpo, a redução da capacidade de experimentar o prazer ou coisas boas da vida e o constante isolamento social.

3.1.3 A faixa etária

Os especialistas entrevistados não conseguiram identificar a faixa etária mais propensa ao suicídio no Estado do Espírito Santo. Segundo o voluntário do CVV, no atendimento realizado pela instituição, “o que é possível dizer, é que no atendimento pela web a faixa etária costuma ser mais baixa (a partir de 12 anos) e, por telefone, geralmente tratamos com adultos”. O integrante do Corpo de Bombeiros informa que, na maioria dos atendimentos que fez, as pessoas com propensão ao suicídio tinham entre 25 e 40 anos, ressaltando que não dispõe de estatística que confirme esse dado.

A psicóloga revela que não consegue estimar em que faixa etária há mais casos de suicídio ou tentativa de suicídio no Espírito Santo, mas que os dados de

pesquisa epidemiológica “apontam que mulheres tentam de duas a três vezes mais suicídio que homens, e homens morrem mais de suicídio (76%) comparados às mulheres (24%)”. O assistente social informou que a faixa etária das pessoas tendentes ao suicídio, no Espírito Santo “varia bastante” e que “tem crescido muito o número de adolescentes a partir de seus 11 e 12 anos”.

3.1.4 O tema na mídia

Perguntado se colocar o tema em evidência e discussão na mídia, quebrando o tabu de não se falar nos casos de suicídio, pode contribuir para reduzir ou aumentar a quantidade de casos, o voluntário do CVV respondeu: “Depende” porque “falar em suicídio ‘como notícia’, do mesmo modo como se fala de homicídios, seria ruim; desde os estudos mais antigos sobre suicídio, como o de Durkheim, é conhecida a ideia de ‘contágio’, que poderia aumentar o número de casos”. Para ele, o que poderia contribuir para diminuir os casos de suicídio seria falar sobre suicídio com foco no aprimoramento “da nossa capacidade de ouvir, respeitar e perceber a outra pessoa, assim como o nosso dever de autocuidado [...] “sensibilizando a sociedade para uma convivência mais fraterna”.

O integrante do Corpo de Bombeiros, por sua vez, acha que colocar o tema “suicídio” em evidência e discussão na mídia contribuiria para reduzir a quantidade de casos, mas ressalva que “para tratar de um assunto tão complexo, é necessário conhecimento de causa e sabedoria” porque “algo dito de forma equivocada pode gerar um problema e consequências negativas”.

A psicóloga é cautelosa com relação à proposta de discutir o suicídio na mídia: “A visibilidade é notadamente necessária se considerados objetivos claros de diminuição de preconceitos e ignorâncias; contudo, o modo como essa evidenciação é feita nem sempre alcança o objetivo de redução de casos”. Para ela, “não é recomendável chocar mais que instruir”; e sim “é inteligente evitar explicitar a morte com sangue, enforcamento etc”; e “também é necessário evitar discursos/narrativas que apenas distribuem culpa (para a pessoa, família ou sociedade) ao invés de apontar possibilidades de cuidado e proteção”.

O assistente social também mantém cautela diante da proposta: “Depende muitíssimo da forma como o tema seria abordado. De forma sábia, respeitosa e mantendo o sigilo da pessoa que cometeu o suicídio e da família, bem como também a forma como se deu o ato, pode contribuir para uma melhor conscientização do assunto, não necessariamente uma redução”. E que, “o contrário disso aumentaria com certeza o número de suicídios, pois tais informações, sendo de cunho sensacionalista, acabariam por influenciar os que estão pensando em cometer o ato do suicídio”.

3.1.5 Quantidade e causas

O integrante do Corpo de Bombeiros afirma que, de acordo com as pesquisas, a quantidade de suicídios tem aumentado no Espírito Santo e no Brasil: “Somos o oitavo país do mundo em números de suicídios por 100 mil habitantes”. A psicóloga ressaltou que, “no contexto da pandemia, estudos indicam que o número de casos de depressão quase dobrou no país”. Já o assistente social revela que a quantidade de suicídios no Estado “mantém uma certa estabilidade pelo menos nesse último ano, nem aumentou e nem diminuiu”.

Sobre os fatores que mais levam uma pessoa a tentar o suicídio, o voluntário do CVV afirma que não pensa “em fatores externos de modo isolado, uma vez que uma composição integrada de elementos sociais, psicológicos, químicos, afetivos, etc, concorrem de modo diferente em cada pessoa”. Já o bombeiro revela que os fatores “são variados, como brigas com o cônjuge, problemas financeiros, problemas psicológicos, depressão, perda de um ente querido etc”.

O assistente social diz que “muitos são os fatores” porque “o suicídio é multifatorial” e o que tem observado em boa parte das pessoas com ideação suicida “é uma profunda solidão, muitas vezes reforçada pelo advento da tecnologia e redes sociais”.

3.1.6 Os meios de comunicação

Indagado se pudesse sugerir uma manchete – título da notícia mais importante de um noticiário – sobre o tema “suicídio” para ser utilizada em um meio de comunicação no Espírito Santo, o voluntário do CVV sugeriu: “Você não está sozinho, cuide do outro”. “Muitas vezes”, explica, “as circunstâncias da vida nos fazem ficar focados em nós mesmos, como se nada mais importasse; olhamos os outros apenas como referência a nós mesmos”. “A perda da capacidade de enxergar o outro faz a gente se perder de nós mesmos”, completa. Para ele, “os meios de comunicação estão focados no lucro; por isso, o tema ‘utilidade pública e meios de comunicação’ merecia um estudo a parte”, já que acredita “que os meios de comunicação não foram pensados” para promover causas de interesse social. Para ele, “a mídia serve para nos fazer consumir e alimenta uma cultura do ego que acaba reforçando que a gente não percebe o outro; por isso, é difícil criar espaços nos meios de comunicação para temas como esse”. O entrevistado considera que “seria bom que os meios de comunicação criassem uma cultura de menos consumo, menos vaidade e menos competição e, por outro lado, mais tempo livre, mais afeto, mais paciência”.

O integrante do Corpo de Bombeiros sugeriu a seguinte manchete: “Eu não quero acabar com a minha vida, só quero ajuda!”. Ele sugere aos meios de comunicação “falar sobre o tema, abordar as informações e munir a sociedade de campanhas educativas que passariam informações básicas para alguém perceber quando um ente querido está apresentando sinais de propensão ao suicídio”.

O assistente social idealizou a seguinte manchete: “Como lidar de forma saudável com as nossas emoções e sentimentos?”. Ele também sugere aos meios de comunicação “mais mensagens de esperança, de pessoas e familiares que passaram por tal situação ou algo semelhante e que conseguiram (ou estão conseguindo) superar e vencer a crise”; e “menos estatísticas revelando aumento de casos, formas com que foram cometidos alguns suicídios, filmes, séries e similares que abordam a temática de forma errada e acabam por reforçar o comportamento suicida”.

3.1.7 O tema durante todo o ano

Perguntado se, em sua opinião, debater o tema “suicídio” em todos os meses do ano – e não apenas em um, como acontece em setembro – contribuiria para a redução da quantidade de suicídios, o voluntário do CVV considera que “é bom ter um mês de referência, porque isso marca um ciclo, concentra energia de muita gente e acaba ganhando um apelo que os meios de comunicação são forçados a acolher”. Por isso, como um mês é um período curto e determinado de tempo, “a mídia abre alguns espaços; isso não aconteceria se fosse algo constante”, diz.

Para o bombeiro Nepomoceno, as questões referentes ao suicídio deveriam ser tratadas todos os dias pela sociedade nas emissoras de rádio e televisão, nas escolas e em todo lugar onde isso fosse possível. Ele acredita “com certeza” que os casos poderiam ser reduzidos no Estado se houvesse um maior empenho governamental na divulgação de orientações de prevenção, como a realização de campanhas informativas para desmistificar o tema.

A psicóloga tem dúvidas se o tema “suicídio” deveria ser debatido em todos os meses do ano nos meios de comunicação: “Honestamente, não sei; acredito que no decorrer do ano todo valeria, sobretudo educar e promover o cuidado e autocuidado nos aspectos ampliados da vida comum e sociedade”.

O assistente social concorda que o tema “suicídio” deve “ser debatido e conversado constantemente em todos os meses do ano e em todos os espaços públicos (escolas, faculdades, empresas, ONG’s, prefeituras, instituições religiosas etc)”.

3.1.8 O papel dos governos

O voluntário do CVV Keide comenta que os governos deveriam considerar o suicídio como uma questão de saúde pública: “Seria útil estruturar melhor postos de saúde e CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) para melhorar o acolhimento”. Ele acrescenta que “as universidades públicas e privadas também deveriam ser cobradas para estarem equipadas com estruturas como essas nos seus cursos da área de saúde”.

Para a psicóloga Silva, os casos de suicídio poderiam ser reduzidos se houvesse um maior empenho governamental na divulgação de orientações de prevenção: “Tudo que o governo fizer no sentido da melhoria e manutenção da vida serão úteis”. Ela acredita que um maior investimento das políticas sociais, sistemas de proteção social, apoio a experiências exitosas e políticas de incentivo a inovações em saúde “são protetivos em termos de saúde mental”:

O assistente social Neves sugere “capacitação continuada dos profissionais de todas as áreas na linha de frente como, por exemplo, saúde, educação, assistência social e segurança pública”. O entrevistado explica que o que o motivou a trabalhar em casos de tentativas de suicídio é “o número de pessoas em sofrimento que, muitas vezes, não sabem lidar consigo próprias e seus sentimentos e dilemas pessoais internos”, e “o histórico de tentativas” que já teve quando era mais jovem “em ocasião do abuso de drogas e profunda depressão”.

3.2 AS ENTREVISTAS DE QUEM TENTOU O SUICÍDIO

3.2.1 A moradora de Serra

A primeira entrevistada, que prefere não ter o seu nome revelado, 33 anos, moradora de Serra (ES), que já tentou o suicídio duas vezes, dá o seu conselho às pessoas que por acaso venham a pensar em tirar a própria vida: “Busquem ajuda porque não é possível resolver isso sozinhas; a ajuda profissional é indispensável”. Ela conta que tentou o suicídio, pela primeira vez, quando era adolescente por causa do desprezo do pai: “Tomei muitos remédios para dormir – que eram usados pela minha mãe – mas, graças a Deus, não foi nada muito grave e eu nem precisei ficar internada”.

No ano de 2020 a entrevistada tentou se matar novamente: “Tomei uma quantidade absurda do meu remédio para tratar a depressão, precisei ficar internada e fazer a lavagem no estômago”. Entre outros motivos, estavam o desprezo do pai e o desemprego que perdura há cinco anos. “Apesar de meu marido me ajudar muito e ser maravilhoso, a perda da minha independência financeira e a carência que sinto

do meu pai agravou muito todos os sentimentos conflitantes que tenho dentro de mim”, explicou.

Disse ela que pensava em suicídio há algum tempo, mas tinha medo por causa da sua fé. “Um dia, eu estava muito triste, e pensava muito sobre isso; eu estava sozinha em casa, meu marido tinha saído”, contou para completar: “Eu lembro de ter pego uma faca para cortar meu pulso”. Narrou a entrevistada que estava chorando muito, na cama, “tomando coragem para cortar meu pulso” quando o seu gato deitou em suas mãos, miando muito. “Eu desisti e fiquei ali chorando; lembro que fiquei pensando na opção de tomar os remédios”.

Após ingerir os remédios, a entrevistada acordou “recebendo muitos socos agressivos no peito”. O enfermeiro informou que tinha sido feita uma lavagem no estômago dela e, como ela não acordava, foi necessário socar o peito para que ela acordasse. “Eu fiquei muitíssimo assustada porque eu não me lembrava de ter tomado os remédios”, contou.

“A entrevistada informa que “a maioria dos profissionais de saúde trata com muito descaso as pessoas que sofrem de ansiedade e depressão”; é bizarro, eu já ouvi de um desses profissionais que eu precisava era fazer sexo”, afirmou.

Antes de tentar o suicídio, a entrevistada contou que chegou a enviar mensagens para várias pessoas se despedindo, deixando claro que iria morrer e que as amava. O seu irmão, que mora perto dela, viu a mensagem, pulou o muro, arrombou a porta da casa e a socorreu. “Se não fosse o meu irmão, eu teria morrido”, disse.

A entrevistada informou que, “quando a depressão vem, é impossível não pensar em suicídio, em morrer, é um sentimento insuportável” e que “morrer parece perfeito para quem se sente mal demais”. Ela informa que só sentiu “vontade de morrer” pensando que “a vida seguiria muito bem depois”. “A gente sabe que, depois que perdemos a quem amamos, mesmo que doa, com o tempo a dor passa”. Mas, segundo ela, para quem sofre depressão “a dor não passa e você é obrigado a carregar um peso muito grande”.

Conta a entrevistada que “sempre acontecem recaídas”. Ela ainda está em tratamento e, quando se sente mal, busca ajuda porque, se não busca, “o marido

percebe”. Para ela, são muitos os motivos que levam uma pessoa à depressão como, por exemplo, a falta de atenção, desilusão, alguma coisa que gostaria de ter ou conquistado. “Uma simples palavra mais agressiva pode ativar uma depressão profunda”, afirma. Ela diz que só pode contar com a ajuda do marido porque os seus irmãos têm, cada um, a sua própria vida.

Na opinião da entrevistada, colocar as formas de combate ao suicídio em discussão nas mídias contribuiria para reduzir as tentativas de suicídio. “Seria eficaz não para ajudar o suicida – porque se a pessoa quer, ela vai lá e faz” – mas para fazer as pessoas entenderem que a depressão é uma doença e como fazer para identificá-la para ajudar a quem sofre com ela”. Acredita a entrevistada que “quando alguém está em crise de depressão, dificilmente qualquer coisa que outra pessoa diga muda o que o depressivo sente e deseja fazer para acabar com a dor que está sentindo”.

Para a entrevistada, é possível prevenir o suicídio, “porém é muito difícil evitá-lo” nas pessoas que sofrem de depressão. “Já ouvi pessoas dizerem que tomando depressivos ficam agitadas na frente de outras pessoas, mas agem com muita naturalidade” e, por isso, “é difícil perceber que estão doentes”. Ela conta que, quando está deprimida, fica “muito reclusa”, sem vontade de fazer as coisas e “muito triste”. “Quando está deprimida, a pessoa dá pequenos sinais como a busca por um pouco de atenção, fica quieta e sem vontade de fazer coisas fora de casa ou em grupo, e fica visivelmente mais abatida”, diz.

Para ela, não há, no Espírito Santo, um controle eficaz dos pontos facilitadores de suicídio como, por exemplo, a Terceira Ponte. “Eu acho um descaso ainda não terem colocado a cerca de proteção na ponte; muitas pessoas não sabem como morrer sem sentir dor e, para elas, se jogar da Terceira Ponte não parece assustador”, afirma.

A entrevistada sugere que deveria ser feita uma pesquisa obrigatória em toda pessoa que participa de uma consulta médica, para detectar se ela é propensa à depressão. “Assim, a rede de saúde pública e privada poderia fazer esse controle”, acredita. “Sobre a prevenção, eu acho que há um descaso total”, diz para citar o seu

próprio exemplo, pois tem plano de saúde e encontrou muita burocracia para conseguir um acompanhamento psicológico. “Cheguei a desistir, porém vou remarcar. Meu psiquiatra mudou de cidade sem avisar, ou seja, fiquei sem acompanhamento; imagine quem depende do SUS?”, diz.

Ela sugere investimentos em campanhas de conscientização porque “as pessoas, de forma geral, ainda não entendem e reconhecem a depressão como uma doença, e ela é uma doença”. Na campanha deveriam ser utilizados *outdoors* e publicidade na TV “todos os dias, não só no ‘setembro amarelo’, fazer só em setembro é pura hipocrisia”. As campanhas anuais que são feitas, para a entrevistada, “não ajudam quase nada porque, na maioria dos casos, falam com quem tem depressão e não falam como quem desconhece o sentimento do depressivo”.

3.2.2 A moradora de Cariacica

A segunda entrevistada, que já tentou cometer suicídio, 41 anos, moradora de Cariacica (ES), acredita que, “algumas vezes” seria possível prevenir o suicídio: “Há pessoas que se fecham dentro delas mesmas, às vezes até tentam demonstrar o que estão sentindo, mas nem sempre são entendidas”. Ela diz que “os sinais [da depressão] se escondem através de um sorriso, de uma foto” e, por isso, muitas vezes, são difíceis de serem percebidos porque as pessoas acham que “uma pessoa tão feliz não seria capaz de cometer suicídio”.

Para ela, não há, no Espírito Santo, um controle eficaz dos pontos facilitadores de suicídio. Antes da construção da Terceira Ponte, o ponto de maior índice de suicídios era o edifício AMES, no centro de Vitória. “Na Terceira Ponte, que há anos vem recebendo promessas de ganhar telas de proteção, até agora nada foi feito”, diz a entrevistada para completar: “As pessoas que realmente estão em desespero e decidem cometer o suicídio, fazem isso dentro da sua própria casa que é considerada por elas como o local mais seguro”.

A entrevistada concorda “que o reconhecimento da depressão pelas autoridades como uma doença grave seria um passo importante para combater o

suicídio”. “Mas não só o reconhecimento das autoridades, mas também das pessoas que convivem com aquelas que precisam de ajuda”, completa.

Ela conta que, na tentativa que fez de suicídio, tomou remédios e tentou, por várias vezes, se cortar. “Bati com meu carro de propósito, entre outras coisas mais”, conta ao revelar que “o motivo sempre foi o mesmo: o vazio no corpo e a sensação de não ser importante para alguém”.

A recuperação da saúde, para a entrevistada, “é uma tentativa diária, cheia de altos e baixos”. Ela admite que já teve recaídas, mas se recupera ao pensar nos seus filhos. A entrevistada concorda que a democratização da saúde pública, permitindo às pessoas que precisam de ajuda ter um acompanhamento psicológico, seria importante na redução dos casos de suicídio. Ela diz que o que mais sentia, quando estava enfrentando o problema que a levou a tentar o suicídio, foi a incapacidade das outras pessoas de perceberem o seu desespero.

Para ela, a vida representa Deus e manda uma mensagem para alguém que possa estar passando por um problema parecido com o que ela enfrentou: “A vida é uma só, e quando sentir alguma coisa estranha, uma angústia, converse com alguém; caso não consiga, escreva o que está sentindo porque isso ajuda muito”.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados coletados na pesquisa atestam que, para qualquer pessoa – principalmente os familiares, amigos e colegas de trabalho –, é possível atuar na prevenção do suicídio, desde que atente para sinais que podem ser observados no indivíduo tendente a cometer o suicídio. Quem convive com o suicida tem mais oportunidades de perceber que algo de anormal está ocorrendo no seu comportamento. Entre esses sinais estão o isolamento, depressão, comportamentos autodestrutivos e falar com frequência de suicídios. Os sinais se escondem através de um sorriso e, por isso, muitas vezes é difícil detectar o problema.

De acordo com as respostas dadas nas entrevistas realizadas no presente trabalho, é possível observar que, necessariamente, deve-se usar uma linguagem adequada com as pessoas que precisam de ajuda. É preciso que a comunicação

utilizada nessa abordagem seja livre de julgamentos, acolhedora, empática, pois algo dito de forma equivocada pode gerar problemas e consequências negativas.

Uma palavra mais agressiva pode ativar, em uma pessoa, uma depressão profunda, o que pode estimular as tentativas de suicídio. Por isso, a conversa com a pessoa com tendência ao suicídio deve ser conduzida no sentido de estimular o encorajamento pela procura de ajuda profissional. Deve-se ter o cuidado de a linguagem utilizada não ser impositiva ou invasiva, violando o direito do outro. É importante saber se comunicar e ouvir o que o outro tem a dizer, deixar a pessoa descarregar o peso das suas inquietações, focar nos sentimentos e não apenas no problema que a pessoa relata.

Com relação à participação da mídia na prevenção ao suicídio, os entrevistados sugerem cautela já que, ao mesmo tempo em que é importante diminuir os preconceitos que cercam o tema, “o modo como essa evidenciação é feita nem sempre alcança os objetivos de redução de casos”, como enfatiza a psicóloga Thalyse Silva. Para ela, “não é recomendável chocar mais que instruir” e deve-se “evitar discursos/narrativas que apenas distribuem culpas ao invés de apontar possibilidades de cuidado e proteção”. O assistente social Thiago Neves sugere quem o tema seja abordado “de forma sábia, respeitosa” porque “o contrário disso aumentaria, com certeza, o número de suicídios”.

Essa opinião é compartilhada por Ricardo Keide, voluntário do CVV, Centro de Valorização da Vida, para quem seria negativo “falar em suicídio como notícia do mesmo modo como se fala de homicídios”. Ele cita estudos sobre o suicídio que apontam “a ideia de contágio, que poderia aumentar o número de casos”. Por isso, Fábio Nepomoceno, do Corpo de Bombeiros, sugere campanhas educativas com “informações básicas para alguém perceber quando um ente querido está apresentando sinais de propensão ao suicídio”.

A desmitificação do tema, dessa forma, é importante, com o cuidado de não alarmar a população e sim instruí-la com campanhas educativas conduzidas pelos poderes públicos em todos os lugares possíveis, como TV, rádio, mídias sociais, escolas e outros espaços públicos. Essas campanhas devem ter como foco ajudar as pessoas através da orientação daqueles que estão ao seu redor.

O maior número de suicídios ocorre em residências, o mesmo local em que as pessoas se sentem mais confortáveis e dispostas a ouvir e a falar. É nesse ambiente que as pessoas propensas a cometer o suicídio devem ser abordadas pelos seus familiares e amigos para falar sobre seus problemas, com o devido respeito recomendado pelos especialistas. É também nas residências que, geralmente, as pessoas são alcançadas pelas mensagens divulgadas na mídia.

Os meios de comunicação possuem um papel importante a cumprir na sociedade. Independentemente da visão de lucro que têm – própria de qualquer organização empresarial privada –, eles, em geral, têm procurado abraçar causas sociais relevantes para a comunidade na qual estão inseridos. Certamente estariam dispostos também a se engajar na divulgação de campanhas, como a de prevenção ao suicídio, que visem salvar vidas através do autoreconhecimento do problema e a busca pela ajuda.

Os casos de suicídio têm aumentado no Brasil e no Espírito Santo a situação não é diferente. O país é o oitavo da lista mundial em casos de suicídio, como revelou o entrevistado integrante do Corpo de Bombeiros. Pontos facilitadores do suicídio, como no caso da Terceira Ponte, não têm tido um controle mais rigoroso por parte dos governos. A instalação de proteção na Terceira Ponte, por exemplo, poderia inibir os casos de suicídio que lá ocorrem.

O suicídio, de acordo com a pesquisa aplicada, deveria ser tratado como uma questão de saúde pública, com a democratização dos cuidados voltados para a prevenção. Como sugere o assistente social Thiago Neves, uma capacitação continuada dos profissionais de saúde, educação, assistência social e segurança pública se faz necessária, pois há falta de profissionais para cuidar das pessoas que sofrem com a ansiedade e depressão. Embora o suicídio seja um fenômeno multifatorial – que pode ser desencadeado por diversos fatores – a depressão está diretamente ligada à sua ocorrência, já que em 98% dos casos a pessoa que comete suicídio tinha diagnóstico de transtornos mentais, como a depressão, como afirma a coordenadora da comissão de combate ao suicídio da Associação Brasileira de Psiquiatria, Alexandrina Meleiro em uma matéria publicada pela Agência Brasil (2016).

Os especialistas, contudo, divergem na questão de que o ponto de partida da prevenção ao suicídio seria reconhecer a depressão como uma doença grave. Segundo a OMS, Organização Mundial de Saúde, a depressão já é mundialmente reconhecida como patologia incapacitante e digna de cuidado. Porém, culturalmente, o tema ainda é permeado por concepções preconceituosas. Uma das entrevistadas chegou a afirmar que a dor da depressão não passa e “é pior até que a perda de um ente querido”. O que agrava a situação é saber que, no Brasil, os casos de depressão quase que dobraram no contexto da pandemia do novo Coronavírus, de acordo com uma matéria publicada na página da FIOCRUZ (2020).

Revela o integrante do CVV, Centro de Valorização da Vida, na entrevista que concedeu nesse trabalho, que a propensão ao suicídio, geralmente, se dá em pessoas a partir dos 12 anos de idade. E que as mulheres tentam duas a três vezes mais suicídios que os homens. No entanto, a quantidade de mortes de homens por suicídio (76%) é muito superior às das mulheres. São dados importantes a serem considerados na elaboração das políticas públicas sobre a questão.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os especialistas, falar sobre o assunto é a melhor solução quando se consegue enxergar pelos olhos de quem pensa em suicídio. Em comum, pessoas que pensam em se suicidar sofrem uma grande dor e não veem saída para superá-la. Cometer suicídio seria uma forma de “matar” essa dor. Em geral, quem pensa em suicídio não quer necessariamente morrer, mas fazer a dor ir embora.

Como ocorre em outros sentimentos – como alegria, orgulho, amor –, a dor precisa ser expressa, senão sufoca quem a sente. O grande objetivo da comunicação, no caso, seria dar oportunidade para aqueles que precisam se expressar, pois de alguma forma estão tentando pedir ajuda e não estão sendo ouvidos e educar a população em um contexto geral, para que a ajuda ao próximo seja facilitada.

Faz-se, dessa forma, necessária – como forma de prevenção ao suicídio –, a utilização da comunicação, em especial da publicidade, com as suas técnicas capazes de alcançar o público-alvo. As campanhas educativas que utilizem a

linguagem adequada sugerida pelos especialistas – linguagem que não pode ser impositiva ou invasiva – parece ser o melhor caminho a ser utilizado para a conscientização da sociedade sobre a importância da prevenção ao suicídio.

As incertezas, as cautelas e os receios registrados neste artigo – que levanta dúvidas sem ter a pretensão de alcançar as respostas para todas as questões abordadas –, demonstram a complexidade do tema e os cuidados que devem ser tomados quando se pretende contribuir para a prevenção e redução dos casos de suicídio. O propósito deste trabalho é, assim, provocar reflexões e apontar caminhos que possam ser trilhados por estudos complementares a serem produzidos por estudiosos, e sugestões de providências que possam ser analisadas pelos especialistas da área da saúde pública e pelos profissionais da comunicação.

REFERÊNCIAS

ABRATA. **Suicídio**: o tabu que mata. 2017. Disponível em:

<<https://www.abrata.org.br/suicidio-o-tabu-que-mata/>>. Acesso em: 21 dez. 2020.

AGÊNCIA BRASIL. **Casos de suicídio poderiam ser evitados se sinais não fossem banalizados**. 2016. Disponível em:

<<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-09/casos-de-suicidio-poderiam-ser-evitados-se-sinais-nao-fossem-banalizados>>. Acesso em: 10 nov 2020.

BALONAS, Sara Teixeira Rego de Oliveira. **A publicidade a favor de causas**

sociais: caracterização do fenómeno em Portugal, através da televisão. Agosto

2013. Uminho - Universidade do Minho Instituto de Ciências Sociais. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/28623/1/Sara%20Teixeira%20Rego%20de%20Oliveira%20Balonas.pdf>>.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2001.

_____. **Estratégias para a vida** - encontro com Bauman. Vídeo postado no

Youtube. 2011. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=lyhOBYoBnsU>>.

Acesso em: 01 jun.2014.

CBN VITÓRIA. **3ª Ponte tem 4 modelos de barreira de proteção para população votar**. 29/11/2018. Disponível em:

<https://www.cbnvitoria.com.br/cbn_vitoria/reportagens/2018/11/3-ponte-tem-4-

modelos-de-barreira-de-protecao-para-populacao-votar-1014157849.html>. Acesso em: 23 dez. 2020.

DURKHEIM, Emile. **O suicídio**: estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

EVOLUCIONAL. **O suicídio não é um fenômeno individual e sim social, um fato social propriamente dito, decorrente de uma crise moral**. 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/YfPdYvrkmCs>>. Acesso em: 15 set. 2020.

FIGUEIREDO, Patrícia. **Na contramão da tendência mundial, taxa de suicídio aumenta 7% no Brasil em seis anos**. In: G1. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/09/10/na-contramao-da-tendencia-mundial-taxa-de-suicidio-aumenta-7percent-no-brasil-em-seis-anos.ghtml>>. Acesso em: 19 dez. 2020.

FIOCRUZ BRASÍLIA. **O que agrava a situação é saber que, no Brasil, os casos de depressão quase que dobraram no contexto da pandemia do novo Coronavírus**. 2020. Disponível em: <<https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/depressao-ansiedade-e-estresse-aumentam-durante-a-pandemia/>>. Acesso em: 10 nov 2020.

GALILEU. **Precisamos falar sobre suicídio**. 2017. Disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/07/precisamos-falar-sobre-o-suicidio.html>>. Acesso em: 20 out. 2020.

GONÇALVES, Gisela Marques Pereira. **Publicidade a causas sociais ou um olhar sobre a sua [in]eficácia**. Universidade da Beira Interior. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/goncalves-gisela-publicidade-social.pdf>>. Acesso em: 26 dez. 2020.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

KOTLER, Philip. **Marketing Management**. New Jersey: Prentice-Hall, 1998.

MCLUHAN, Marshall. **The Gutenberg galaxy**. Toronto: University of Toronto Press, 1962.

_____. O meio é a mensagem. In: **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

MEDINA, M. Taxa de suicídio diminui 85% após ação da Samsung em ponte. In: **Exame**. 2013. Disponível em: <<https://exame.com/marketing/taxa-de-suicidio-diminui-85-apos-acao-da-samsung-em-ponte/>>. Acesso em: 21 dez. 2020.

MORAIS. Geovanna Gomes de. **O suicídio como consequência de uma sociedade imediatista**. 17/9/2017. Disponível em: <<https://encenasaudemental.com/comportamento/insight/o-suicidio-como-consequencia-de-uma-sociedade-imediatista/>>. Acesso: 23 dez. 2020.

OPAS-Organização Pan-Americana de Saúde. 2018. **Suicídio**. Disponível em: <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839>. Acesso em: 20 out. 2020.

UNIVERSO UFES. **Suicídios no Espírito Santo atingem o maior índice em 23 anos**. 2019. Disponível em: <<http://universo.ufes.br/blog/2019/09/suicidios-no-espirito-santo-atingem-o-maior-indice-em-23-anos/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

UOL. **Brasil registra 11 mil casos de suicídio por ano, diz Ministério da Saúde**. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/09/brasil-registra-11-mil-casos-de-suicidio-por-ano-diz-ministerio-da-saude.shtml>>. Acesso em: 20 out. 2020.

VEJA. **Suicídio é segunda causa de morte entre jovens de 15 a 24 anos, diz OMS**. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/saude/suicidio-e-segunda-causa-de-morte-entre-jovens-de-15-a-24-anos-diz-oms/>>. Acesso em: 20 out. 2020.